

&etc



Augusto Sobral

BELA

CALIGULA

BELA - CALÍGULA



Augusto Sobral

BELA
CALIGULA



BELA - CALÍGULA
de **AUGUSTO SOBRAL**

é uma edição & etc
produzida por Publicações Culturais Engrenagem, Lda.
Rua da Emenda 30, sub. 3, 1200 Lisboa; telef. 37 19 55

© do Autor
Capa:
Estúdios & etc





Instituto de Teatro de Lisboa

BELA-CALÍGULA

baseado na obra e em dados biográficos de
FLORBELA ESPANCA

BELA-CALÍGULA

IMPROMPTU TEATRAL

BELA-CALÍGULA, 8.ª produção do Grupo de Teatro MAIZUM, foi estreada em Julho de 1987 com as seguintes participações:

Encenação	— Rogério Vieira
Cenografia	— Augusto Sobral
Figurinos	— Jasmim
Música	— Rui Luís Pereira
Interpretação	— Silvina Pereira — Manuel Cintra
Grafismo	— Guida Dias Coelho
Aderecista	— José Gil
Operador de Luz e Som	— Carlos Santos
Secretariado	— Paula Silva

Duas bancadas de camarim, uma à esquerda e outra à direita da cena. As lâmpadas das molduras dos espelhos estão acesas, mas o lugar do espelho é o vazio das molduras, onde o rosto dos actores se vai às vezes mostrar de frente para o público, como se estivessem a encarar a sua própria imagem.

A actriz entra em cena e dirige-se à mesa da direita, senta-se e finje olhar a sua própria imagem no espelho, olhando em frente para os espectadores.

Levanta-se, pega numa pasta com papéis e passeia de um lado para o outro, a rememorar o texto.

ACTRIZ

«Ponho-me às vezes a olhar para o espelho e a examinar-me, feição por feição...

(Suspende-se, as palavras não lhe ocorrem logo.)

«Os olhos... a boca... a fronte... as pálpebras... a cara.

(Suspende-se de novo, sente que o texto não é aquele. Torna a ler na pasta com papéis.)

«Ponho-me às vezes a olhar para o espelho e a examinar-me, feição por feição:

(Continua numa leitura mais atenta marcando pela maneira como lê os pontos onde se enganou.)

«Os olhos, a boca... *(prolongando)* o modelado da fronte, *(acentuando)* a curva das pálpebras, a linha da face. *(repetindo)*... **A linha da face.**»

(Suspende-se e começa a ver peça por peça o guarda-roupa pendurado num varão ao lado da mesa. No varão estão pendurados os vários tipos de traje conhecidos da documentação fotográfica sobre Florbela Espanca; desde o chapéu de feltro, a blusa e a saia da adolescência até aos vestidos de cintura descida e saia curta e às capelines dos anos 20 a 30. Senta-se de novo ao espelho e começa a observar a cara para se caracterizar.)

ACTRIZ

(Ao espelho repetindo o texto.)

«Ponho-me às vezes a olhar para o espelho e a examinar-me feição por feição: os olhos, a boca, o modelado da fronte, a curva das pálpebras, a linha da face... E esta amálgama grosseira e feia, grotesca e miserável, saberia fazer versos? Ah! Não! Existe outra coisa... Mas o quê? Afinal, para quê pensar? **Viver é não saber que se vive.** *(prolongado)*».

(A figura de Gaius Julius César Germanicus, Calígula surge ao fundo à esquerda, aproximando-se com um movimento silencioso da outra bancada de caracterização, enquanto a atriz continua, simultaneamente, o seu monólogo até ao final, completamente alheia à presença da outra pessoa.)

ACTRIZ

(Ritmo mais vivo.)

«Procurar o sentido da vida, sem mesmo saber se algum sentido tem, é tarefa de poetas e neurasténicos. Só uma visão de conjunto pode aproximar-se da verdade. Examinar em detalhe é criar novos detalhes. Por debaixo da cor está o desenho firme e só se encontra o que se não procura. Porque não me esqueço eu de viver... para viver?»

(Calígula está agora junto da bancada e para se acercar do espelho e ver a sua própria cara, desloca a cadeira para o lado. O ruído do arrastar da cadeira desperta a atenção da atriz, que desviando a cara do espelho fala para alguém que estivesse noutra camarim ao lado, apenas separado do dela por uma parede fina.)

ACTRIZ

Já chegaste?

(Calígula não responde. Recorta a sua figura na moldura do espelho como se olhasse também para si próprio. A atriz continua a falar com a pessoa que está no camarim ao lado, ao mesmo tempo que vai estudando a caracterização.)

ACTRIZ

Sabes que estou a sentir uma dificuldade enorme com este primeiro texto? A descrição da cara da Florbela, feição por feição, como ela diz, até aí tudo bem. Engano-me, troco palavras, mas

tudo bem. Se calhar engano-me por reacção ao resto que vem a seguir, muito reflexivo, muito carregado de dúvidas. Um texto do diário da Florbela escrito já tão próximo da morte, para começar o espectáculo, acho mal escolhido.

CALÍGULA

«A minha alma é o túmulo profundo
onde dormem, sorrindo, os deuses mortos!»

ACTRIZ

Não tens opinião, não é?

Já se sabe que nestas situações é inútil contar com os colegas. E já agora, se queres saber com toda a sinceridade aquilo que eu penso, acho que a culpa de tudo isto é do Calígula... ou de quem o foi buscar.

Escolham-se os poemas mais significativos de cada facto e da maneira de sentir da Florbela, e tu, em vez de seres o Calígula, eras um narrador... las relacionando os poemas com a própria biografia. E o Calígula bem podia ir dar uma volta.

(Calígula, num movimento para se afastar da bancada, volta de novo a deslocar a cadeira, arrastando-a.)

ACTRIZ

Lá porque não queres responder... escusas de estar sempre a arrastar essa maldita cadeira. Enerva-me!

(Calígula avança na cena, vindo colocar-se num plano mais avançado que o das bancadas de camarim, sendo notório que

evita tocar em objectos que possam provocar ruídos. Está de frente para o público, ao qual se dirige. A actriz prossegue o seu jogo ao espelho, como se não ouvisse nada do que ele diz.)

CALÍGULA

Eu sou Gaius Julius César Germanicus, mais conhecido por Calígula, como vocês diriam hoje em linguagem corrente... Mas eu, sou o próprio CALÍGULA.

Ah! É verdade, para evitar futuras confusões, aquele arrastar de cadeira que tanto enervou a actriz, foi puramente casual, como tiveram ocasião de ver...

Serei um fantasma, mas não passo de um fantasma de teatro, que é o mesmo que dizer, uma obsessão do autor... Outra coisa que carece de explicação é o facto de eu estar aqui a falar convosco sem ela ouvir nada do que eu estou a dizer. Isto deve-se apenas a uma coisa, a convenção teatral, que permite entre outros efeitos que certas personagens oiçam apenas aquilo que lhes compete ouvir para o prosseguimento do diálogo e da acção, embora o público esteja, naturalmente, obrigado a ouvir tudo... A imposição deste jogo, quase fundamental para o teatro, irrita imenso os teóricos de estética de uma maneira geral, e particularmente as pessoas cultas, de cujos hábitos de cultura não faz parte frequentar o teatro com uma certa assiduidade...

(Baixando o tom como se segredasse.)

Foi isto, segundo creio, que o autor me pediu para vos dizer.

Quanto às razões por que ele me meteu nisto, a mim, Calígula, morto há 1946 anos... desconheço-as.

Ela, é claro, não é a Florbela Espanca. É uma actriz que está a pintar-se e a vestir-se para representar o papel de Florbela Espanca, da melhor maneira que souber e puder, claro.

(Aparte.)

Podem estar descansados que não está a ouvir nada do que eu estou a dizer!

ACTRIZ

Tu achas que vais ser capaz de representar o papel de Calígula na convenção naturalista que o tipo quer?

CALÍGULA

(Surpreso, baixando o tom.)

O tipo aqui, ou é o encenador, ou o autor, ou ambos.

O que ela não sabe é que sendo eu embora o próprio Calígula, vou representar o papel do actor que representa Calígula, EU.

Ah! É verdade! Quando eu passar junto da bancada, a convenção teatral vai mudar. Ela vai passar a ouvir tudo o que eu digo e a ver-me como o tal actor que representa Calígula.

(Desloca-se até ao fundo. No fundo vira-se para a direita e desce até junto da bancada da actriz como se entrasse no camarim dela.)

ACTRIZ

Quem escreve num diário — «Viver é não saber que se vive» — ama a vida, espera alguma coisa da vida.

CALÍGULA

(Que terminou o movimento até junto da actriz.)

«Viver é não saber que se vive»

ACTRIZ

Até que enfim, falaste...

CALÍGULA

«Viver é não saber que se vive»

(Silêncio.)

(A actriz experimenta ao espelho o chapéu dos retratos de adolescência.)

CALÍGULA

«Ela canta pobre ceifeira»

.....
«Ah! Poder ser tu sendo eu,
Ter a tua alegre inconsciência
E a consciência disso...»

ACTRIZ

O quê?

CALÍGULA

«Poder ser tu sendo eu,
Ter a tua alegre inconsciência
E a consciência disso...»

ACTRIZ

Isso é do Fernando Pessoa, não é da Florbela. E não faz parte do texto.

CALÍGULA

O Fernando Pessoa e a Florbela viveram exactamente na mesma época.

Quem te pode garantir que enquanto ela estava a escrever: «Viver é não saber que se vive», não estava ele a escrever: «Ter a tua alegre inconsciência / E a consciência disso?»

ACTRIZ

Não sei!...

CALÍGULA

Sei eu! Na realidade o Pessoa escreveu estas palavras num poema de 1916, e tu escreveste as tuas 14 anos depois, em 1930.

ACTRIZ

Já vi que estás completamente informado.
Só que não vejo qualquer relação entre o poema do Fernando Pessoa e a minha frase.

CALÍGULA

Todos os poetas são um único poeta.
No momento de escrever são todos um único, isso sei eu.

(Pausa.)

Já sabias que ias morrer quatro meses depois quando escreveste:
«Viver é não saber que se vive?»

ACTRIZ

Talvez não soubesse ainda...

A mim parecem-me as palavras de alguém que fala da vida como se tivesse que a inventar momento a momento, alguém cujo lugar no mundo não existisse, um rio que saísse de uma nascente sem leito por onde correr.

CALÍGULA

(Acercando-se dela.)

Era isso que querias dizer?

ACTRIZ

(Observando-o.)

O que é que tu tens hoje? Estás tão estranho... Os teus olhos estão diferentes hoje...

CALÍGULA

É para te ver melhor.

ACTRIZ

E tens as orelhas tão brancas!

CALÍGULA

É para te ouvir melhor...

(Pausa.)

Continua...

ACTRIZ

Continuo o quê?

CALÍGULA

As perguntas...

ACTRIZ

Quais perguntas?

CALÍGULA

E tens a boca tão grande... E... Diz, anda, diz...
E os dentes...

ACTRIZ

Ó que parvoíce... Nada do que temos estado a dizer é do texto...

CALÍGULA

E depois... Que importância tem isso? Diz lá: E tens a boca tão grande, e os dentes...

ACTRIZ

Podes ter a certeza que a coisa que mais me apetece agora é brincar ao capuchinho vermelho. E tens a boca tão grande e os dentes...

CALÍGULA

É para te comer!

(Salta sobre ela apertando-a nos braços.)

ACTRIZ

Larga-me! Tu estás é doido!...

CALÍGULA

Nem sempre estive, mas sempre disseram o mesmo de mim, sobretudo depois de ter atingido o poder e querer guiar-me pela razão.

ACTRIZ

O quê?

CALÍGULA

«Ser doido é a única forma de possuir e a maneira de ser alguma coisa neste mundo.»

Estou a falar como Calígula, mas as palavras são tuas, as palavras de Bela para Calígula.

ACTRIZ

(Observando-lhe as orelhas e esfregando-as com um lenço.)

Não, não é caracterização. As tuas orelhas estão mesmo muito brancas, parecem de cera.

CALÍGULA

É para te ouvir melhor, já disse...
 Não achas estranho que eu reconheça como minhas as palavras
 que tu escreveste, uma a uma, vividas?

ACTRIZ

A Florbela era megalómana. Tinha a megalomania dos poetas
 burgueses que os leva a escrever coisas que só assentam bem
 na boca de imperadores ou de deuses. É a forma que esses poetas
 têm de renegar a classe em que nasceram, de mostrar que odeiam
 a sua origem.

CALÍGULA

E ainda bem.

ACTRIZ

Há quem seja exactamente da opinião contrária. Mas isso leva-
 va-nos a uma discussão moral que não tem saída. É ela própria
 que escreve:

«Napoleão de saias, que impérios desejas?
 Que mundo queres conquistar?»

E comenta:

«Estás decididamente atacada de delírio de grandeza.»

CALÍGULA

Deverias ter escrito Calígula «de saias, que impérios desejas?
 Que mundos queres conquistar?» E ter riscado o comentário «Estás

decididamente atacada de delírio de grandeza.» **O que ficará ao
 poeta ou ao imperador se lhe tirares o delírio de grandeza? Com
 que outra força edificará a sua obra?**

(*Fitando-a.*)

Lembras-te?

«Mais alto, sim! Mais alto, mais além»

ACTRIZ

(*Proseguindo.*)

Mais alto, sim! Mais alto, mais além
 Do sonho, onde morar a dor da vida,
 Até sair de mim! Ser a Perdida,
 A que se não encontra! Aquela a quem

O mundo não conhece por Alguém!
 Ser orgulho, ser águia na subida,
 Até chegar a ser, entontecida,
 Aquela que sonhou o meu desdém!

Mais alto, sim! Mais Alto! A Intangível
 Turris Ebúrnea erguida nos espaços,
 A rutilante luz dum impossível!

Mais alto, sim! Mais alto! Onde couber
 O mal da vida dentro dos meus braços,
 Dos meus divinos braços de Mulher!

CALÍGULA

(*Apertando-a nos braços.*)

Somos os dois um único, o mesmo,

aquele que no teu diário escreve:

«Que me importa a mim a estima dos outros se eu tenho a minha?

Que me importa a mim a mediocridade do mundo se EU sou EU?»

ACTRIZ

Importas-te de me deixar em paz? Já te não posso ver... Jogas com as palavras como te apetece. Nem eu própria já sei o que elas querem dizer.

Estás a baralhar tudo... Não vou conseguir ensaiar. Eu não sou a Florbela.

CALÍGULA

Ouve-me:

«Tenho pela mentira um horror quase físico. Sinto-a à distância e agora... Neste momento... sinto-a vaguear asquerosa e suja, em volta da minha alma que vibra no orgulho de ser pura. Se os outros me não conhecem, eu conheço-me, e tenho orgulho, um incomensurável orgulho em mim.»

ACTRIZ

Estás a dizer o meu texto, as minhas palavras. Espera! Quando é que eu tenho que dizer isso?

CALÍGULA

Escreveste-as em 6 de Setembro de 1930, eu repeti-as agora. Mas devo ter dito essas mesmas palavras ou outras semelhantes

há quase vinte séculos, quando todos me julgavam doido e serenamente eu ia realizando a obra da razão, semeava o terror entre todos os que me rodeavam.

«Se os outros me não conhecem, eu conheço-me, e tenho orgulho, um incomensurável orgulho em mim.»

ACTRIZ

Eu devia estar aterrorizada, a sentir que tudo se desfazia à minha volta, que não ia ter mais força para conseguir que me aceitassem tal como era, para ser eu própria:

«Se os outros me não conhecem, eu conheço-me, e tenho orgulho, um incomensurável orgulho em mim.»

CALÍGULA

Enquanto tu estavas aterrada, a viver um processo de auto-destruição, a pedir a ti própria a compreensão por ti, eu semeava o terror, tinha poder para semear o terror, e talvez temesse, temesse ou desejasse que me destruíssem.

Mas nunca seria eu a destruir-me a mim próprio. Eles haviam de o fazer, motivados pelo terror que lhes provocava a minha própria razão.

Afinal, as nossas mesmas palavras, aproximam-nos ou afastam-nos? As palavras dos poetas megalómanos talvez caibam perfeitas na boca de imperadores, mas as situações que as determinaram e os sentimentos que envolvem não têm o menor ponto de contacto.

ACTRIZ

«Sonho que sou Alguém cá neste mundo...
Aquela de saber vasto e profundo,
Aos pés de quem a Terra anda curvada!

E quanto mais no céu eu vou sonhando,
E quanto mais no alto ando voando,
Acordo do meu sonho... e não sou nada!»

CALÍGULA

«A águia, será uma águia a valer ou simplesmente um milhafre?»

ACTRIZ

«Era simplesmente um milhafre...
Guardar-me intacta, como um cristal transparente, para
quê?»

CALÍGULA

Era, «era simplesmente um milhafre.»
A águia afinal «Era simplesmente um milhafre.»

ACTRIZ

O sonho traiu-te, também?

CALÍGULA

Já sabes que não consigo compreender o que tu queres dizer com as palavras... Para ti talvez que a águia fosse o teu sonho pessoal,

a ambição de seres livre. Para mim a «águia» significava muito simplesmente a liberdade dada pelo poder. A imagem física da águia na minha mão simbolizava o meu poder sobre os outros. O sonho nunca te traiu...

Terei sonhado pouco, ou não terei sonhado sequer...

Mas traiu-me o poder, que não estava tanto na minha mão para me permitir realizar até ao fim o desejo de o usar livremente. A águia era simplesmente um milhafre...

(Pausa.)

Mas é de ti que se trata, não de mim. Porque hei-de eu vir roubar-te tudo, palavra por palavra, para contar a minha história... se é a tua história que as tuas palavras contam.

(Volta-se de costas e caminha em direcção ao fundo, para sair.)

ACTRIZ

Espera! Não vás ainda.

(Calígula volta-se de frente.)

ACTRIZ

Não te conheço bem, em todos os textos que escrevi nunca te referi uma única vez... Conhecia o teu nome, Calígula, mas eras apenas mais um desses imperadores de Roma que deixaram uma lenda de terror no mundo.

CALÍGULA

Mas falaste de Nero, desse cretino do meu sobrinho.

Lá porque o idiota tinha uma esmeralda que terá ficado célebre, tu, no dia 4 de Fevereiro de 1930, escreves no teu diário:

«Ó Bela imbecil, trouxa...»

ACTRIZ

«... trouxa como tu dizias, irmão querido. Trouxa... trouxa de farrapos miseravelmente esfarrapados...»

CALÍGULA

Sim, até aí tudo bem, mas depois:

«Dentro, há talvez oiro e pedrarias, o vestido de Cendrillon, a coroa de rosas de Titânia, a esmeralda de Nero, a lâmpada de Aladim, a taça do rei de Thule.»

ACTRIZ

«Quem sabe se ainda ninguém a desatou?»

CALÍGULA

E como queres tu que alguém desate uma trouxa destas? Os poetas são muito estranhos...

«Dentro há talvez oiro e pedrarias, o vestido de Cendrillon, a esmeralda de Nero, a lâmpada de Aladim, a taça do rei de Thule.»

Alguém pode ter isto na alma? Um poeta pode ter isto dentro? Isto é o recheio do saco de um usurário miserável, que compra tudo o que lhe pareça que pode deslumbrar o comprador, sem sequer saber avaliar cada uma das coisas.

O que a pobreza faz das vossas cabeças, poetas. Como vos torna contraditórios.

(Volta-se de costas, para sair, caminhando em direcção ao fundo.)

Vou-me embora. Vim aqui hoje porque pensava que poderíamos ir muito além de tudo isto.

ACTRIZ

(Num tom que vai sendo progressivamente mais vivo.)

«Ah! Ser Homem, e um belo impossível trancar-me um caminho por onde eu quisesse passar!»

(Calígula prossegue a sua marcha sem se deter.)

ACTRIZ

«Um belo impossível trancar-me um caminho...»

(Calígula prossegue o mesmo jogo.)

ACTRIZ

«Um impossível trancar-me um caminho.»

(Calígula volta-se.)

CALÍGULA

Diário — 16 de Fevereiro de 1930.

ACTRIZ

Estas não são também as palavras de Bela para Calígula?

CALÍGULA

Não!

ACTRIZ

«Um belo impossível trancar-me um caminho por onde eu quisesse passar...» Não são as palavras de Bela para Calígula?

CALÍGULA

Não! São as palavras de Bela para Albert Camus.

ACTRIZ

Albert Camus?

CALÍGULA

Sim, um escritor francês que quinze anos depois da tua morte escreveu um texto sobre mim que me tornou um pouco mais conhecido do público. Se voltei a ser assunto, sem ser exclusi-

vamente de especialistas de história antiga, a ele o devo. Não me ilibou da loucura, mas atribuiu-me traços de poeta da minha própria vida.

Pôs-me a declinar a palavra impossível em todos os casos, a lamentar o pouco valor do poder perante esse impossível, a querer a lua.

Estou-lhe bastante grato, mas não era por causa dele que eu vinha hoje aqui. Era por ti mesma, e por mim.

ACTRIZ

Não sei bem aquilo que me parece hoje... Despejas coisas de cor, tens as datas todas na cabeça... Eu percebo, eu estou exactamente no mesmo estado. Parece que andaste a vasculhar enciclopédias, à procura de tudo o que pudesses encontrar sobre Calígula, desde o nascimento até à morte.

CALÍGULA

«A morte definitiva ou a morte transfiguradora?»

20 de Novembro de 1930 — No teu diário.

(Volta-se de costas e fica imóvel.)

ACTRIZ

Terás uma memória excelente para todas as palavras da Florbela, mas ainda não disseste uma única linha do texto. Queres experimentar a partir daqui?

(Calígula não reage.)

ACTRIZ

«Para aqueles fantasmas que passaram
Vagabundos a quem jurei amar
Nunca os meus braços lânguidos traçaram
O voo dum gesto para os alcançar...

Se as minhas mãos em garra se cravaram
Sobre um amor em sangue a palpitar...
Quantas panteras bárbaras mataram
Só pelo raro gesto de matar!

Minha alma é como a pedra funerária
Erguida na montanha solitária
Interrogando a vibração dos céus!

O amor de um homem? — Terra tão pisada
Gota de chuva ao vento baloiçada...
Um homem? Quando eu sonho o amor de um Deus!»

CALÍGULA

(Voltando-se de frente.)

Não cheguei a ser... um deus. Quis ser um deus, mas nunca me deixaram. É a maior prova de que eu não era um deus. Os deuses não intrigam junto dos homens para eles os reconhecerem como deuses. São os próprios homens que os reconhecem.

ACTRIZ

Lá estás tu outra vez! Não é nada disso!

CALÍGULA

É isto mesmo... O meu bisavô César Augusto Octavianus foi venerado como deus em toda a Roma. O meu tio avô Tiberius parece não se ter preocupado muito com isso. As questões que tinha com o Senado não lhe deixaram tempo para se ocupar do conteúdo metafísico do poder. Foi um imperador funcionário, à maneira dos vossos tempos, sempre agarrado a soluções práticas.

ACTRIZ

Acredito que sim se quiseres, mas nada disso está escrito na peça!

CALÍGULA

Estou simplesmente a dizer a verdade.
Eu nunca consegui ser considerado um deus durante a minha própria vida, nem sequer que Roma aceitasse a veneração da minha irmã Drusila como deusa depois da sua morte.
Nós, os imperadores, podíamos ser deuses...
Alguns antes de mim o tinham sido, e depois de mim outros conseguiram ser imperadores reunindo o poder político e a veneração religiosa que é conferida aos deuses...
Como vês, aquilo que eu desejava não era um impossível, apesar de eu não o ter conseguido.

ACTRIZ

(Impaciente, agarra no texto apontando com o dedo a linha que Calígula deve ler.)

Lê o texto, anda...

«Um homem! Quando eu sonho o amor de um Deus!»

CALÍGULA

(Lendo.)

Calígula desce até junto da atriz e envolve-a pelos ombros.

(Executa o movimento vindo no entanto ajoelhar junto da atriz. Tenta depois envolvê-la pelos ombros, esticando os braços.)

ACTRIZ

Tu viste o que fizeste?

CALÍGULA

Não me disseste para eu ler o que vinha aqui escrito? Eu li!

ACTRIZ

Leste a rubrica — Calígula desce até junto da atriz e envolve-a pelos ombros — e depois caíste-me aos pés.

Que andaste tu a fazer antes de vir para aqui?

Na marcação final ficas de pé, por detrás de mim, a tocar-me nos ombros, não te lembras?

CALÍGULA

Se Calígula desce junto da atriz, como é que eu posso ficar de pé?

ACTRIZ

Não me digas que não sabias que descer significa caminhar do fundo para a frente da cena...

CALÍGULA

Sabia.

ACTRIZ

Então faz como quiseres e diz o que quiseres. Eu já não digo nada.

(Calígula executa o movimento, descendo até junto dela e aperiando-a pelos ombros.)

CALÍGULA

(Lendo.)

Desfizemos a barreira do tempo...

Não gosto desta frase. Não será possível arranjar nada melhor...

Desfizemos a barreira do tempo... Que frase horrível!

ACTRIZ

Queixa-te ao autor.

CALÍGULA

Se eu não disser nada, não ficará melhor?

(Calígula executa o movimento até junto da atriz, esta toma-lhe a mão e leva-o a sentar-se no chão com a cabeça deitada no seu colo.)

ACTRIZ

«Pousa a tua cabeça dolorida
Tão cheia de quimeras, de ideal,

Sobre o regaço brando e maternal
Da tua doce Irmã compadecida.

Hás-de contar-me nessa voz tão qu'rida
A tua dor que julgas sem igual,
E eu, pra te consolar, direi o mal
Que à minha alma profunda fez a Vida.

E há-de adormecer nos meus joelhos...»

(Calígula põe um dedo indicador sobre os seus próprios lábios no gesto de pedir silêncio, depois, com dois dedos da outra mão, o indicador e o médio, pousados sobre os lábios da atriz, obriga-a a calar-se.)

ACTRIZ

(Retirando a mão de Calígula.)

Não me deixas acabar?

CALÍGULA

Não.

(A atriz vai levantar-se. Calígula impede-a de o fazer.)

Fica como estás!

Quem estiver possuído por uma verdade profunda pode perfeitamente mentir. «Ó Bela imbecil, trouxa, trouxa...» Tu mentiste tanto e sempre, que não há desfecho trágico que consiga tirar à tua vida um certo ar de comédia... Recomeça agora... Diz aqueles dois versos.

ACTRIZ

Quais dois versos?

CALÍGULA

Os únicos que tu sabes que eu quero ouvir neste momento, como se tu os tivesses escrito exactamente para mim próprio.

ACTRIZ

Não sei a que dois versos te referes.

CALÍGULA

Sabes o que acontece se não disseres esses dois versos?

(Pausa.)

Pois bem, a tua vida nunca atingirá a dimensão trágica. Tu continuarás sempre a somar desastres sobre desastres, e a acertar cada vez mais os teus passos pelos valores impostos pelos outros. Continuarás a achar o mundo medíocre e mesquinho, mas alimentarás sempre a esperança de vencer seguindo as próprias regras do jogo que te repugnam, e acabarás por deixar fechar o cerco. Não vês o que te pode acontecer? «Bela imbecil, trouxa...»

ACTRIZ

Só o meu irmão me podia tratar assim... Mais ninguém!

CALÍGULA

O teu irmão e eu, agora...

Olha para mim e vê em mim a criança, o único ser que partilhou contigo o nascimento, o ventre materno, os primeiros anos da vida, aqueles anos em que a vida mostra todos os sinais de ter estado à espera de nós para poder prosseguir... com o nosso lugar preenchido.

(A actriz permanece estática.)

Queres que te lembre mais?

(Pausa.)

«Ainda engatinhava e já queria ser marinheiro. A sua minúscula bacia de três palmos onde, em três litros de água, a mãe lhe mergulhava todos os dias o corpinho rechunchado e tenro de magnólia carnuda toda aberta, já era para ele o mar imenso, a extensão infinita com todas as suas maravilhas, as suas vagas enormes, os seus embustes, as suas traições.

Com as mãos pequeninas de deditos escancarados como os raios de uma estrela, audacioso e aventureiro, fazia as ondas maiores, desencadeava tempestades.»

ACTRIZ

É sujo! É muito sujo o que me estás a querer fazer...

E se eu disser aqueles dois versos que queres ouvir, é simplesmente porque já te não consigo entender, de todo, e nunca soube recusar o que não entendia.

(Quase a explodir de raiva.)

«— Eu fui na vida a irmã de um só Irmão
E já não sou a irmã de ninguém mais.»

CALÍGULA

«Na cidade de Assis, 'Il Poverello'
Santo, três vezes santo, andou pregando
Que o Sol, a Terra, a flor, o rocío brando,
Da pobreza o tristíssimo flagelo,

Tudo quanto há de vil, quanto há de belo,
Tudo era nosso irmão! — E assim sonhando
Pelas estradas da Umbria foi forjando
Da cadeia de amor o maior elo!

‘Olha o nosso irmão Sol, nossa irmã Água...’»

ACTRIZ

«Ah! Poverello! Em mim essa lição
Perdeu-se como vela em mar de mágoa
Batida por furiosos vendavais!»

CALÍGULA

«— Eu fui na vida a irmã de um só Irmão
E já não sou a irmã de ninguém mais!»

ACTRIZ

Pronto e agora acabou de vez!

Sei o suficiente de ti próprio para imaginar que paralelo tu queres estabelecer entre a tua vida e a minha própria vida. E não con-

sinto... Não há qualquer relação entre a amizade que sempre me uniu ao meu irmão, com as relações de Calígula com sua irmã Drusila. Proíbo-te, não é verdade.

«Que Roma inteira tenha ouvido ranger a vossa cama»

Ah! Isso que me interessa... Porco! Mas não sujes a única coisa a que pude agarrar-me na vida para me sentir eu própria.

CALÍGULA

Pareces uma fera enjaulada. Mas repara, és tu que te prendes a ti própria no espaço minúsculo de onde não queres sair.

Estás a falar com Calígula. Eu sou Calígula, o terceiro imperador de Roma. Não faço parte da fauna pequeno-burguesa do teu país, de Lisboa ou da província. Até na dimensão trágica há graus a considerar...

A mim parece-me que o número crescente de pessoas que gozam uma vida mediana, acabou por garantir à estupidez o direito absoluto de cidade... Quando as pessoas escolhem esquecer tudo o que possa ser um estorvo a sentirem-se as mais aptas para vencer, a tragédia tende a desaparecer do universo.

(A atriz não responde, ficando imóvel.)

Mas há uma coisa que eu sei... uma verdade absoluta... Nunca houve incesto entre ti e Apeles Demóstenes. Ouviste? Nunca houve...

Por isso, toda a cena que fizeste foi totalmente descabida, e até para quem não conhecesse a verdade como eu, suspeita.

ACTRIZ

Suspeita?

CALÍGULA

Sim, suspeita! Passaste a vida a construir um discurso de dignidade ofendida, em situações perfeitamente banais com a falta de habilidade de deixares adivinhar outras razões e outros objetivos.

ACTRIZ

A Canção da Dignidade Ofendida. Até que enfim que falas de uma coisa que faz parte da peça.

(Folheia o texto.)

CALÍGULA

Claro que entre mim e minha irmã Drusila houve incesto. Será que isso para ti e para os teus contemporâneos é incompatível com a existência de uma afectividade?

ACTRIZ

Podes ter a certeza.

CALÍGULA

Será que não conseguem ver pelo contrário o sinal de uma afectividade exacerbada por razões... Será que a procura dessas razões está desde logo vedada por uma palavra proibida: incesto? Ninguém adivinha por detrás dessas razões a nossa herança trágica, nem tu... Que andaste tão perto das mesmas razões, dentro dos limites da conveniência da moral do teu tempo... Tu e o teu irmão tiveram como nós a mesma herança trágica.

ACTRIZ

Nós, uma herança trágica? Deves estar a brincar. Não foste tu que disseste que a minha vida chega a correr o risco de parecer uma comédia, apesar do desfecho?

CALÍGULA

Se conseguires juntar dentro da tua vida o desfecho e a origem, é a vida mais triste que alguém pode lamentar, apesar das tuas próprias culpas, apesar da forma desastrosa que sempre escolheste para te defender dela.

ACTRIZ

(Folheando o texto e encontrando a página.)

Está aqui!

CALÍGULA

O quê?

ACTRIZ

A Canção da Dignidade Ofendida.

CALÍGULA

(Prosseguindo.)

Evidentemente que eu não estou a fazer o teu julgamento. Livrem-me os deuses de julgar seja quem for. Enquanto estava vivo executei todas as minhas vinganças. Paguei-as com o meu pró-

prio assassinato. O assassinato da minha mulher e da minha filha ao mesmo tempo que o meu, terão sido a obra que fez com que o desvario me não tenha acompanhado na morte, e permaneça no mundo dos vivos, no seu ódio e na sua estupidez para compreender a verdade.

ACTRIZ

Queres ouvir ou não?

«Canção da Dignidade Ofendida»

EU «Sou sempre a mesma mulher leal...
Sou sempre a mesma. Posso olhar-te
Com os mesmos olhos tranquilos e límpidos
Que nunca mentiram...»

.....
«Mas eu não te disse que a vida não deixa
nenhum castelo sem o deitar ao chão?»

.....
E «Em volta de mim ergueu-se,
como uma revoltante maré de lama
a intriga mais infame e mais cruel...»

.....
«Ouvi hoje em casa da D. Georgina coisas
que nunca supuz que as pudesse ouvir um dia.
Tão só me sentem na vida,
que se atrevem a insultar-me como
se eu fosse a última das mulheres.»

.....
«Eu que, sozinha, tenho cumprido sempre o meu dever,
embora, como este, custe ao meu coração
que afinal se revolta e se insurge

contra a vida tão vil que me não deixa ser feliz
nem fazer feliz(es) os que eu estimo.

A Ema diz que eu pratiquei infâmias e mil
vergonhas em casa dela na noite do baile.
Levanta-se em volta de nós a barreira que eu
temia, e são tão espertos que a levantam
de lama e podridão...»

«Separam-nos...
E roubam-te a ti e a mim, a felicidade.»

«Amanhã será toda a gente a dizer a mesma coisa
A atirar-me a mesma lama, a envolver-nos
em coisas, baixas, tão baixas que eu nem me posso
curvar, para as avistar»

«Tenho sofrido mais que em toda a minha vida
Eu já previa isto e com tanta razão!»

Não me perdoam a superioridade do meu carácter
E da minh'alma! Não me perdoam
O ter-te prendido, a ti, que nenhuma outra tinha prendido
[ainda»

Meu Deus como tudo isto é vil!

Tenho sofrido mais que em toda a minha vida
Eu já previa isto e com tanta razão!

Não quero que a sombra de uma dúvida
Aflore a tua alma... Isso não quero...»

«Expus-te a questão, a ti pertence resolver»

«O meu dever foi este: dizer-te tudo —
E eu cumprio sempre o meu dever.»

«Tenho sofrido mais que em toda a minha vida
Eu já previa isto e com tanta razão!»

(Terminada a canção a actriz fica como que paralisada.)

CALÍGULA

**Tu não reconheces essas palavras? Essas palavras não te recor-
dam nada? Estão feitas em bocados, mas são tuas.**

ACTRIZ

(Para ninguém.)

«Enquanto a mim e às minhas recordações, deixe-me dizer-
-lhe e pela última vez, sim?, que eu não tenho recordações.
Ninguém guarda lembranças do que profundamente des-
preza. Eu não tenho nada, nada, nada a prender-me, no
passado como no presente.

É verdade que nós vamos ser amigos?

É verdade que nós o somos já?

Não acredito, não vê que não posso acreditar?»

CALÍGULA

E agora, a quem são dirigidas essas palavras?

ACTRIZ

Que interessa a quem são dirigidas estas palavras?

(Pausa.)

«Mas quem lhe disse que eu gozava aqui a mais leve calma? Este contraste mortal do imenso, da fria serenidade destas planícies infinitas, destes dias tristes, com a minha alma tão pequenina, tão cheia de ternura, tão cheia de aconchegada e tépida ternura dos sonhos bons, irrita-me, enerva-me mais ainda que o bulcício dessa Lisboa «sempre a mesma, sempre secante, sempre Lisboa...»

CALÍGULA

«Ao Alentejo, à calma doçura do monte»

ACTRIZ

«Apre! Isto é tudo muito lindo!
Num dia como hoje... A chuva cai, diz coisas sonolentas, coisas tristes, num ar vagamente sonâmbulo de quem já não sofre, num ar morno de suprema lassidão, de suprema renúncia, como quem se resigna a todas as misérias, como quem se resigna a todas as cobardias.»

«Eu não sei se você tem sentido a nostalgia destes dias assim, a tragédia das almas que se calam, das que já se não queixam, das almas galvanizadas na angustiada tormenta de impossíveis sonhados um dia e nunca realizados.»

(Pausa.)

«Isto é tudo muito lindo!»

(Pausa. A atriz fala com maior serenidade.)

«Na minha janela as mãos estranhamente puras da chuva, traçam imperceptivelmente complicados símbolos»

«Meu irmão... andou por cá numa corrida de velocidade com as perdizes e as lebres através de montes e vales. Muito azar tem o pobre rapaz com semelhantes bichos!»

«Eu julgo que ele tem mais sorte com as raparigas»

«As balas passam longe!»

«Eu posso estar descansada, as perdizes atrás das sebes... podem à vontade fazer troça da elegância smart do seu fato de caçador e as sacerdotizas da planície podem oficiar nos seus vastos templos.»

(Calígula, junto da bancada da esquerda, olha a sua imagem no espelho, ficando frente ao público recortado na moldura de luz.)

CALÍGULA

«Eu bem sei, meu Amor, que pra viver
São precisos amores, pra morrer
E são precisos sonhos pra partir.»

E bem sei, meu Amor, que era preciso
Fazer do amor que parte o claro riso
De outro amor impossível que há-de vir!»

Porque é que este soneto só foi publicado depois da tua morte?

(A actriz desloca a cadeira da sua bancada arrastando-a, prolongadamente, pela força com que a comprime contra o chão.)

Será que eu adivinho se disser que tu nunca gostaste das quadras do soneto? Ou seria por falar do fim do teu primeiro casamento?

(A actriz volta a empurrar a cadeira arrastando-a com mais violência.)

Eu também não gosto das quadras, mas são bastante elucidativas quanto à tua própria compreensão de uma mudança qualquer na tua vida. Dizem bastante mais que a descrição sucessiva da ruína dos teus três casamentos, do primeiro ao último.

(A actriz arrasta de novo a cadeira, de uma forma marcada-mente intencional, como se ao fazê-lo descarregasse uma tensão interior.)

CALÍGULA

Lá porque não queres responder, escusas de estar sempre a arrastar essa maldita cadeira. Enerva-me!

(A actriz permanece em silêncio.)

Ainda aí estás? Ouve e diz-me se eu não tenho razão:

«O nosso amor morreu... quem o diria!
Quem o pensara mesmo ao ver-me tonta,
Ceguinha de te ver, sem ver a conta
Do tempo que passava, que fugia!

Bem estava a sentir que ele morria...
E outro clarão, ao longe, já desponta!
Um engano que morre... e logo aponta
A luz doutra miragem fugidia...»

(Repete.)

«Um engano que morre... e logo aponta
A luz doutra miragem fugidia...»

ACTRIZ

Cala-te!

CALÍGULA

**Ah! Afinal ainda aí estás?
Julguei que te tinhas evaporado.**

«Um engano que morre... e logo aponta
A luz doutra moragem fugidia...»

E agora já me não é difícil imaginar...

A casa da D. Georgina e as coisas que lá, tu nunca supuseste ouvir, um dia. E a Ema a dizer que praticaste infâmias e mil vergonhas na casa dela, na noite do baile. Esqueceste que estavas em Lisboa nos anos 20, entre gente burguesa que adoptou padrões de emancipação que no fundo não sabiam o que eram. Elas não eram como as tuas sacerdotizas da planície, a oficiar nos seus vastos templos, quando o teu irmão não acertava nas lebres e nas perdizes.

ACTRIZ

Quais sacerdotizas?

CALÍGULA

Queres os nomes? Seja.

A Antónia da Conceição Lobo, a tua verdadeira mãe e de Apeles Demóstenes.

A Henriqueta Almeida, a tua segunda madrasta.

A Mariana Inglesa Espanca, casada com o teu pai quando tu nasceste e quando nasceu Apeles.

Se eu voltasse a ser, hoje, imperador de Roma, se eu reedificasse por qualquer golpe imprevisto o próprio império como o imaginava, quando diziam que estava louco, essas três mulheres teriam lugares na mais alta dignidade. Iriam comigo... e contigo, junto de minha irmã Drusila, de Apeles, de minha mãe Agripina, de minha mulher Cesónia. Para as outras, as Georginas e as Emas... não. Essas não podem ter lugar no meu império como eu o queria. Elas próprias conspiraram o meu império terreno. Essas mulheres estiveram na minha vida como na tua. Estão sempre onde aconteça a desgraça dos outros. Têm a desgraça dos outros como uma coisa natural. Aparentam o ar de estar na vida, distraído e desinteressado de quem acabou de chegar, no ponto do tempo que tu estiveres a viver. Não apresentam sinal de nenhuma memória de outro tempo e afinal corroem o próprio decorrer do tempo por dentro. Deixam tudo oco desde o começo dos começos. Olha bem para dentro de ti, vê bem dentro do teu coração, se elas não estarão por acaso, ainda, lá.

ACTRIZ

«Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: Aqui... além...»

Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...
Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...
Prender ou desprender? É mal? É bem?
Quem disser que se pode amar alguém
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma Primavera em cada vida:
É preciso cantá-la assim florida,
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada
Que seja a minha noite uma alvorada
Que me saiba perder... pra me encontrar...»

CALÍGULA

«Um engano que morre e logo aponta
A luz doutra miragem fugidia.»

«Quem disser que se pode amar alguém
Durante a vida inteira é porque mente.»

Reparaste, por acaso, que estes dois sonetos falam exactamente da mesma coisa?

ACTRIZ

«Amar! Amar! E não amar ninguém!»

CALÍGULA

«O nosso amor morreu, quem o diria...»

(Pausa.)

Não amar ninguém, isso não existe!

É o vício dos poetas, negar aquilo tudo que não conseguem atingir...

A vida, se necessário for...

Mas nunca ninguém conseguiu tirar de um tempo ou de um lugar, o que aconteceu nesse tempo e nesse lugar.

«Recordar? Esquecer? Indiferente...»

De quem te queres esconder, tu?

Olha que nem a própria morte te receberá, se não apareceres diante dela com toda a memória da tua vida. É a tua memória, são todas as memórias de todos, que ela transforma na corrente de águas do seu rio eterno.

Morrer não é abandonar diante da morte, como quem despe um fato velho, a própria existência. Negar essa existência dizendo: Eu não era eu...

A morte não aceitará que lhe mostres em vez de ti própria, o teu lugar vazio na vida onde lhe dizes que não estiveste.

A morte não aceitará ser tratada como uma serva e ouvir dizer: «Deixai entrar a morte...»

ACTRIZ

«Deixai entrar a morte, a iluminada...

A que vem para mim para me levar.»

CALÍGULA

Espera! Hás-de ser tu a arrastares-te até junto dela.

Somos sempre nós, quer querendo quer não querendo, que aca-

bamos por ir ao seu encontro.

Não estás a ouvir o rio?

Senta-te à beira do rio, e escuta.

Quem lhe terá chamado rio do esquecimento? Se cada uma das suas ondas é lembrança...

Se é vogando na nossa própria memória que chegaremos até ela, quando ela entender que é ali o nosso fim, o ponto do rio onde devemos afundar-nos.

Lembra-te com toda a determinação de não esqueceres o mais pequeno facto, e não sentirás o frio de abandonares agora o querer, em vão...

Estar só, é a miragem.

Ninguém está só diante deste rio que arrasta na corrente todas as vidas, contadas uma a uma, no tempo desmedido do eterno. O rio está cheio de vozes desesperadas...

(Calígula sentado ao lado da actriz apura o ouvido, como quem escuta o rumor do rio.)

Não será a tua voz apenas um eco?

Escuta:

«O dia em que eu nasci morra e pereça,
Não o queira jamais o tempo dar,
Não torne mais ao mundo, e se tornar,
Eclipse nesse passo o sol padeça.

A luz lhe falte, o Sol se lhe escureça,
Mostre o mundo sinais de se acabar,
Nasçam-lhe monstros, sangue chova o ar,
A mãe ao próprio filho não conheça. (...)

ACTRIZ

«Ó Mãe! Ó minha Mãe, pra que nasceste?
Entre agonias e em dores tamanhas (...)

CALÍGULA

«As pessoas pasmadas, de ignorantes,
As lágrimas no rosto, a cor perdida,
Cuidem que o mundo já se destruiu. (...)»

ACTRIZ

«Pra que foi, dize lá, que me trouxeste
Dentro de ti?... Pra que eu tivesse sido
Somente o fruto amargo das entranhas
Dum lírio que em má hora foi nascido!...»

CALÍGULA

«Ó gente temerosa, não te espantes,
Que este dia deixou ao mundo a vida
Mais desgraçada que jamais se viu!»

(A atriz estende-se no chão, como se fosse adormecer. Calígula levanta-a evidenciando sinais de inquietação.)

CALÍGULA

**Não te deixes adormecer...
Não podes adormecer agora.**

(Ajoelha no chão junto dela, soerguendo-lhe o tronco.)

ACTRIZ

«Não tenho forças, não tenho energia, não tenho coragem
para nada. Sinto-me afundar.»

(Calígula tenta erguê-la do chão. Ela acaba por ficar de pé, apoiada nele. As pernas dela fraquejam a cada momento.)

CALÍGULA

**Não páres de pensar!...
Lembra-te! Lembra-te de coisas...
A tua memória não pode parar...**

(Calígula agarra-a por baixo dos braços e tenta fazê-la caminhar de um lado para o outro, como se a reanimasse.)

**Fala! Anda! Diz coisas... Tudo o que te recordares, o que te vier
à cabeça. Mas não páres de falar...**

ACTRIZ

(Caminhando amparada por Calígula.)

«Então lá se foi a Mãe Mariana... Esperada aquela morte...
Vejo-me pequenita ao pé dela...
Apesar do gênio disparatado e certas inconsciências era
bem minha amiga: nos últimos anos da sua vida não o
fui para ela o que deveria ter sido, não quis a vida nem
a triste sorte dela...»

«A roupa que ela teve muito boa há muito que já não prestava pois, sempre a servir-se dela e nunca a substituindo, não podia ter grande coisa; as coisas não duram sempre. Pobre Mãe Mariana... Nunca julguei que a não tornasse a ver...»

«O Apeles mandou-me um telegrama no dia dos meus anos, mas não respondeu ainda à carta que lhe escrevi... Na aviação todos morrem, graças a Deus; Vamos contando que ele seja dos felizes para a felicidade dele e nossa.»

«Querido pai... A respeito de política estamos sempre em desacordo.»

«Ora está! Tenho um pai quase bolchevista! Então tu, burguês capitalista... Ora o pai bolchevista!!! O meu homem é republicano mas, como é duma inteligência e duma cultura raras, não apoia partido algum... Eu continuo conservadora... Tenho um medo que me pelo dos bombistas ... desses diabos todos que parece que têm o diabo no corpo. Só fui vermelha no tempo da monarquia. Bons tempos em que eu ainda era criança e não sabia o que dizia.»

CALÍGULA

Já podes andar sem a minha ajuda?

ACTRIZ

Já.

CALÍGULA

E lembras-te de tudo...

ACTRIZ

Lembro-me de tudo, sim.

CALÍGULA

Aqueles versos que disseste há bocado, lembras-te?

ACTRIZ

«Ó Mãe! Ó minha Mãe...»

CALÍGULA

Esses mesmos... (brusco) Senta-te!

(A atriz senta-se na cadeira da bancada do camarim que Calígula foi buscar e colocou num ponto central da cena. A movimentação de Calígula é agora agitada e após ter colocado a cadeira, e a atriz se ter sentado, continua a rodar em torno dela, estacando para desfechar perguntas, num ritmo de interrogatório policial.)

ACTRIZ

(Sentada.)

«Pra que foi, dize lá, que me trouxeste
Dentro de ti? Para que eu tivesse sido...»

CALÍGULA

(Interrompendo-a.)

Estavas a pensar em Mariana Espanca quando escreveste esses versos?

ACTRIZ

Estás louco!, Claro que não...

Estava a pensar na Antónia da Conceição Lobo, na minha verdadeira mãe e mãe verdadeira de Apeles.

Eu tinha três anos quando o meu pai me levou para sua casa, a casa da mãe Mariana.

Estavam casados...

A mãe Mariana sabia tudo...

Sabia que eu era filha dele...

Minha mãe, Antónia, continuou a ir dar-me o peito a casa da Mãe Mariana.

CALÍGULA

Não eras ainda capaz de o imaginar.

Sábia Mariana!

Como terá ela adivinhado que as crianças terão como casa sua, aquela em que todos os nomes soem como os delas próprias?

ACTRIZ

Não sei se adivinhou isso...

Eu diria que ela era incapaz de adivinhar fosse o que fosse...

CALÍGULA

Mas adivinhou isso...

(De novo inquiridor.) Por que razão o último postal dirigido a Mariana Espanca em que a tratas de «Querida Mamã» foi escrito precisamente no ano em que a tua verdadeira mãe Antónia Lobo morreu? 1908?

ACTRIZ

Não sei! Será esse realmente o último postal em que trato a Mariana por «Querida Mamã»?

Haverá outros postais perdidos por aí...

De resto através de toda a minha vida, em toda a correspondência com o meu pai, já separado dela, sempre tratei a Mariana por Mãe Mariana.

CALÍGULA

E vestiste luto pela tua mãe verdadeira, a Antónia Lobo?

ACTRIZ

Sim, vesti, e a Mãe Mariana concordou com a minha atitude.

CALÍGULA

Sim... e Apeles?

ACTRIZ

Também lhe vestimos luto, com certeza. Já vivia em nossa casa.
Tinha onze anos.

CALÍGULA

Onze anos...

E há quanto tempo vivia em vossa casa?

ACTRIZ

Há cerca de seis anos, desde que minha Mãe Antónia saiu da vila...
Ele tinha cinco anos. E o pai trouxe-o para nossa casa...
Eu tinha sete... era dois anos mais velha do que ele.

(Calígula volta-se de costas para a atriz. Evidencia uma certa perturbação. Domina-se e volta de novo a encará-la, tentando prosseguir no mesmo tom de interrogatório.)

CALÍGULA

É capaz de me dizer, de cor, o postal que enviaste de Évora a teu irmão Apeles, quando ele ficou na vila em casa do professor?

ACTRIZ

É assim tão importante?
Por que razão hei-de o fazer?
Este interrogatório é um disparate.
Ninguém tem o direito...

CALÍGULA

A apreciação é perfeitamente dispensável.
És ou não és capaz de dizer de cor o postal escrito em Évora a 15 de Janeiro de 1909?

(A atriz levanta-se afastando-se de Calígula.)

ACTRIZ

«Tudo cai! Tudo tomba! Derrocada
Pavorosa! Não sei onde era dantes.
Meu solar, meus palácios, meus mirantes!
Não sei de nada, Deus, não sei de nada!...

Passa em tropel febril a cavalgada
Das paixões e loucuras triunfantes!
Rasgam-se as sedas, quebram-se os diamantes!
Não tenho nada, Deus, não tenho nada!...

Pesadelos de insónia, ébrios de anseio!
Loucura a esboçar-se, a enegrecer
Cada vez mais as trevas do meu seio!

Ó pavoroso mal de ser sozinha!
Ó pavoroso e atroz mal de trazer
Tantas almas a rir dentro da minha!

(Calígula senta-se no chão de pernas abertas.)

CALÍGULA

Não foi um soneto que eu te pedi...
Pedi-te que me dissesses o postal.

ACTRIZ

Acabaram-se os postais e as cartas.
 Não haverá mais cartas daqui para diante.
 Haverá só aquilo que realmente deu sentido à minha vida, a obra poética.

CALÍGULA

«Amar! Amar! E não amar ninguém!»

Já sei.

(Calígula sentado no chão começa ele a dizer o texto do postal.)

«Querido Mano
 Muito estimo que estejas bom, nós todos bem, felizmente.
 Estás bem? Gostas de dormir em casa do Sr. Professor?
 Deves gostar querido mano, porque estás muito melhor
 que em casa da nossa avó.
 Os meus respeitosos cumprimentos à Sr.^a D. Margarida,
 às meninas e ao Sr. Professor.

(Fazendo com a mão o movimento de virar o postal para o ler do outro lado.)

«Responde. Beijos mil da tua mana

Florbela

Exmo. Menino

Apeles Espanca

Em casa do Exmo. Senhor Romeu

Rua de Sta. Cruz

Vila Viçosa

ACTRIZ

O que é que tu pretendes demonstrar?

CALÍGULA

Cala-te! Não estás a ouvir a corrente do rio?
 Está sempre a correr... Este rio da memória.

ACTRIZ

Não percebo por que caminhos este postal terá ido parar à memória de um terceiro imperador de Roma...

(Calígula levanta-se.)

CALÍGULA

A memória das coisas pertence a todos...
 Mas talvez só aqueles que realmente as viveram sejam tocados por ela...
 Onze anos, era exactamente a minha idade quando minha mãe, Agripina, foi exilada por ordem de Tiberius para uma ilha, com o meu irmão mais velho Néron... O meu outro irmão, Drusus, foi preso na mesma altura... Claro que não era surpresa, há muito que minha mãe vivia atormentada pela nossa segurança, pelo menos desde a morte de meu pai, quatro anos antes...
 E se não foi capaz de salvar os meus irmãos mais velhos do que eu, a mim logrou confiar-me aos cuidados de minha bisavó, Lívía, mãe de Tibérius e de meu pai, viúva de César Augusto. Penso como teria sido bom para mim, depois da primeira noite

que passei em casa de Livia, que Drusila tivesse escrito este postal:

Exmo. Menino
Gaius Germanicus
Em casa de Livia Augusta
Roma

ACTRIZ

Quem é que está agora a ser ridículo?
De que lado está agora a comédia?
E a tua dimensão trágica, já te esqueceste?

CALÍGULA

Não me esqueci de nada, nunca consegui esquecer nada.
Não esqueci que durante todo esse exílio, minha mãe foi torturada e sujeita à fome, até acabar por morrer dez anos depois.
Não esqueci que entretanto os meus irmãos foram assassinados também.
Nem me esqueci do meu receio por mim próprio... Instilado em mim desde os meus 7 anos por minha mãe, aterrada pelo meu próprio destino.
Nem sequer me esqueci que para sobreviver era preciso mostrar que me não recordava de nada... Que nada sabia...
Há momentos em que o egoísmo é a única saída...
Mas conseguirá esse egoísmo calar todas as mágoas da nossa própria inocência que estava antes dele?
Durante muitos anos me viram reservado e calmo.
Ah! Drusila, querida irmã, a tua memória mais certa de todo este caos de ódios era a única luz por onde eu me podia guiar.
Com pouca mais idade do que eu tinhas a razão bastante para

ver nítido onde eu apenas via um duvidoso cortejo de fantasmas de contornos já desfeitos.
Consegues compreender?
Nunca estive louco, podes ter a certeza. A loucura era o meu passatempo, a minha arma treinada para demolir a dissimulação dos outros...
Quando atingi a segurança... Quando julguei que a tinha atingido...
Quando tive o poder nas minhas mãos, fazia coisas desconcertantes, para obrigar os outros a revelar a sua verdadeira natureza...
Queria a verdade.

ACTRIZ

Eu, todas as coisas desconcertantes que fiz, foi exactamente pela minha enorme insegurança. E senti-me enlouquecer muitas vezes.

CALÍGULA

Nunca tiveste poder sobre os outros, nem sobre ti própria, principalmente...

ACTRIZ

Nem precisei! Tinha pessoas que me apoiavam.

CALÍGULA

Mas não tinhas poder sobre elas...
As pessoas não faziam aquilo que tu querias, não modificavam os seus actos por uma ordem tua...

Não eram outras além de si próprias para corresponderem à tua vontade.

Eram como eram, e na melhor das hipóteses, aturavam-te.

ACTRIZ

Exactamente como faziam contigo.

CALÍGULA

Mas comigo sentiam o medo de eu as poder mandar matar, ou matá-las eu próprio...

ACTRIZ

Mas hoje não podes...

Imagina, amanhã, na primeira página dos jornais...

«Florbela Espanca Assassinada por Calígula, o 3.º Imperador de Roma.»

«Em mais um daqueles actos desvairados de que a sua vida foi pródiga, Calígula assassinou ontem num teatro de Lisboa a grande poetisa Florbela Espanca... O imperador foi imediatamente preso e após se ter confessado culpado, em declarações desconexas, foi internado numa clínica, onde deverá ser submetido a um rigoroso exame psiquiátrico.»

CALÍGULA

Cala-te! Estávamos já tão perto!

ACTRIZ

«Está escrito que hei-de ser sempre a mesma eterna isolada... Porquê?»

CALÍGULA

2 de Agosto de 1930 — Diário do Último Ano.

ACTRIZ

«Chuva, vento, dores, tristeza... e sempre a Florbela, a Florbela, a Florbela!! Gostaria de endoidecer (...) Perseguidora ou perseguida, a chorar ou a rir, eu seria outra, outra, outra! Não saberia sequer que os meus sonhos eram sonhos: o mundo estaria todo povoado de verdades.»

CALÍGULA

Está a levantar-se vento...

O rio está mais agitado...

Não ouves? O movimento das águas faz bater umas contra as outras, as pedras da margem.

ACTRIZ

Não suporto este rumor do rio, este barulho dos seixos a bater uns nos outros...

Vejo a galera onde embarcaram a nossa mãe e o nosso irmão...

Tu não estavas connosco.
Ficarás já em casa de Livia.
Eu vejo-os pela última vez, imóveis como estátuas, entre as velas sacudidas pelo vento.

CALÍGULA

Porque disseste sempre que não os tinhas visto partir...
Que não tinhas estado lá.
Eu sabia que tu te lembravas.
Eu sabia que alguma vez acabarias por me contar tudo.
Sem ti haveria uma zona deserta na minha memória.
Minha querida irmã!

ACTRIZ

«Cresci despreocupada e feliz, rindo de tudo, contente da vida que não conhecia, e de repente, no alvorecer dos meus 16 anos, compreendi muita coisa que até ali não tinha compreendido e parece-me que desde esse instante cá dentro se fez noite.»

CALÍGULA

Estás a ser Drusila pelas tuas próprias palavras.
Afinal por qual das duas histórias seguiremos, a tua ou a minha?
Serás Drusila tu, ou serei eu Apeles?

ACTRIZ

Serei Drusila eu, a vigiar a tua memória atormentada, a revelar-te os perigos.

«Restam-me os outros... Talvez por eles possa chegar às infinitas possibilidades do meu ser misterioso, intangível, secreto.»

CALÍGULA

Serei eu Apeles, depois...

ACTRIZ

Não! Não quero ficar de novo sem ninguém com quem falar...
Não quero mirrar, por dentro, de solidão rodeada de vozes que não oíço, de ouvidos onde o sentido das minhas palavras não chega.

CALÍGULA

Serei Apeles, só até àquele momento em que ele sobrevoa o rio.

ACTRIZ

Não quero! É inevitável que desapareça dentro destas águas...
Todos os rios se confundem.
Quero desaparecer.

«Antes eu, que sou mais velha; é de maior justiça ir primeiro.»

Serei eu Drusila e tu Calígula, e serás tu quem me verá morrer.

CALÍGULA

E depois quem me avisará das traições, quem me contará todas as coisas passadas antes de eu próprio ter nascido ou ter a cons-

ciência da importância delas na minha vida? Essas histórias que vós, mulheres, contastes interminavelmente umas às outras, como guardadoras do rio da memória.

Avisos que ledes nas ínfimas gotas de água que formam as nuvens que sobem deste mesmo rio.

Sufrimentos que a chuva, ao correr na vossa própria pele, vos desperta, quando de novo a água cai sobre a terra. Não esqueci um único dos teus avisos, uma única das tuas palavras! As tuas próprias ou as já repetidas de as teres ouvido de nossa mãe Agripina, e que ela ouvira já de Vipsania ou de Antónia.

Zumbidos de pequenos insectos que vos atormentam, sempre a girar à volta das vossas cabeças...

A fazer-vos sentir o pestilento cheiro dos frutos da árvore das coincidências.

Como é pestilento tudo quanto o mundo encobre como coincidência!

ACTRIZ

«.....

.....

.....

.....

Eu não sou de ninguém!... Quem me quiser

Há-de ser luz do Sol em tardes quentes;

Nos olhos de água clara há-de trazer

As fúlgidas pupilas dos videntes!

Há-de ser seiva no botão repleto,

Voz no murmúrio do pequeno insecto,

Vento que enfuna as velas sobre os mastros!...

Há-de ser Outro e Outro num momento!

Força viva, brutal, em movimento,

Astro arrastando catadupas de astros!»

CALÍGULA

«Há-de ser Outro e Outro num momento!»

ACTRIZ

«Ó pavoroso mal de ser sozinha!

Ó pavoroso e atroz mal de trazer

Tantas almas a rir dentro da minha.»

CALÍGULA

«Ser Outro e Outro...»

É isso afinal que vocês fazem no teatro?

ACTRIZ

Que teatro?

CALÍGULA

Fingir «Ser Outro e Outro num momento».

ACTRIZ

Não sei! Por que me falas tu do teatro?

«Tenho pela mentira um horror quase físico»... **Não te lembras?**

CALÍGULA

Quando eu cheguei estavas a repetir de cor diante do espelho as palavras de Florbela.

ACTRIZ

As minhas palavras, sim, que tu sabias de cor também.

«Procurar o sentido da vida, sem mesmo saber se algum sentido tem, é tarefa de poetas e neurasténicos.»

CALÍGULA

«Viver é não saber que se vive.»

ACTRIZ

**Sabias tudo de cor...
Mas agora cometeste um erro...**

CALÍGULA

Quando?

ACTRIZ

**Quando pronunciaste a palavra fingir...
O verso que eu escrevi dizia claramente:**

«Há-de ser Outro e Outro num momento!»

Ah! É verdade, a tua história ficou em meio, sabes?

A tua irmã Drusila foi-se embora...

Vi-a meter-se num barquito, soltá-lo da margem e vogar para o meio do rio.

Ainda podes vê-la, lá ao longe, mas não por muito tempo.

As águas estão a começar a envolvê-la.

CALÍGULA

Não deixes...

ACTRIZ

Que poder tenho eu para isso?

Já é demasiado tarde...

Olha! Agora mesmo, desapareceu.

CALÍGULA

Tu não me podes fazer isso, a mim...

Este rio não era do teu teatro, não existia o menor sinal deste rio antes de eu próprio ter feito passar aqui a sua margem, palavra por palavra. O levantar do vento... A agitação das águas que fazia bater umas contra as outras as pedras da margem.

ACTRIZ

Este rio sempre qui esteve...
E eu sempre me aproximei desta margem para falar sozinha, para dizer os meus versos esperando que as próprias ondas levassem o eco das minhas palavras a alguém na outra margem.

CALÍGULA

Ou alguém perdido no fundo das suas águas...

ACTRIZ

Hoje encontrei-te aqui, ladrão das minhas palavras, a servires-te delas para poderes falar de ti próprio, Calígula, um deus frustrado...

«No veludo glauco do rio lateja fremente a carícia ardente do Sol; as suas mãos doiradas, como afiadas garras de oiro, amarfanham as ondas pequeninas, estorcendo-as voluptuosamente, fazendo-as arfar, suspirar, gemer como um infinito seio nu.»

Não são estas as tuas palavras para descrever o teu rio?

(Durante esta fala de Calígula a atriz vira-lhe as costas, mostrando que não quer ouvir o que ele diz. Depois volta-se e de súbito retoma a sua fala como se a não tivesse interrompido.)

ACTRIZ

Sempre pensei que são exactamente os deuses frustrados que acabam por provocar as grandes transformações da vida.

Aqueles deuses felizes que realizam a sua obra ganham como prémio a perda da compreensão de tudo. São felizes e são néscios. Se o Universo se move, podes ter a certeza, se nunca há-de parar essa é a grande criação dos desesperados...

CALÍGULA

«A vida estremece apenas, pairando quase imóvel, numa agitação toda interior, condensada em si própria, extática e profunda. A vida, parada e recolhida, cria heróis nos imponderáveis fluidos da tarde.»

ACTRIZ

Cala-te!

Pára de repetir as palavras que me pertencem.

Agora, todas as minhas palavras serão da minha própria história, não servirão na tua boca nem na boca de ninguém.

CALÍGULA

E eu vou ser Outro e Outro dentro da tua própria história.

ACTRIZ

Finjás ser!

CALÍGULA

Serei! Nunca desafies o poder dos deuses frustrados!

Lembras-te do que escreveste no teu diário em 23 de Janeiro de 1930?

ACTRIZ

Não!

CALÍGULA

Não?... Então eu irei sobrevoar o rio, vou ser Apeles sobrevoando o rio. Sei as palavras todas... Queres ouvir?

«É um homem que tem asas! E as asas pairam, descem, redopiam, ascendem de novo, giram, latejam, batem ao sol, mais ágeis e mais robustas, mais leves e mais posantes que as das águias.»

(A atriz avança violentamente para Calígula tentando tapar-lhe a boca para que ele se cale. Calígula domina-a prendendo-lhe os braços, prossequindo a fala com uma vivacidade ameaçadora.)

CALÍGULA

«É um homem! Deixou lá em baixo todo o fardo pesado e vil com que o carregaram ao nascer.»

«Ó Mãe! Ó minha Mãe, pra que nasceste?

Entre agonias e em dores tamanhas

Pra que foi, dize lá, que me trouxeste

Dentro de ti?»

«Deixou lá em baixo todas as algemas. (...)

O seu coração, ao alto, é mais uma onda do rio (...)

É uma voz que sussurra, (...) em uníssonos com outra

voz (...) mais áspera, mais rude —, a voz do coração de

aço que, sob o esforço das suas mãos, palpita e respon-

de (...) São brutais aquelas mãos, formidáveis de esforço,

assombrosas de vontade! (...)

(A atriz com os pulsos agarrados pelas mãos de Calígula é inteiramente submetida, acabando por flectir as pernas e ficar sentada no chão, de cabeça pendida.)

ACTRIZ

«Endiabrada Bela! Estranha abelha que dos mais doces cálices só sabe extrair fel!»

«Para que quer esta criatura a inteligência, se não há meio de ser feliz?», dizia, dantes, o meu pai indignado. Ó ingénuo pai de 60 anos, quando é que tu viste servir a inteligência para tornar feliz alguém! (...) Só se pode ser feliz simplificando, simplificando sempre, arrancando, diminuindo, esmagando, reduzindo; e a inteligência cria em volta de nós um mar imenso de ondas, de espumas, de destroços, no meio do qual somos depois o naufrago que se revolta, que se debate em vão, que não quer desaparecer sem estreitar de encontro ao peito qualquer coisa que anda longe: raio de sol em reflexo de estrelas; E todos os astros moram lá no alto, ó ingénuo pai de 60 anos!»

(Durante a fala da atriz, Calígula afasta-se descrevendo um longo círculo no seu trajecto no palco, sem nunca deixar de a observar. No final da fala, passa da agressividade a uma atitude mais serena. Encobrendo a cara com as mãos, aproxima-se da atriz, sentando-se a seu lado com a afabilidade de uma criança que brinca.)

CALÍGULA

(Com a cara escondida nas mãos, sempre.)

Bela Imbecil, trouxa...

O mano Peles está às tuas ordens.
São 7 da tarde, o Sud chegou à tabela.
É Domingo, dia 29 de Maio de 1927, não te lembras?

ACTRIZ

(Medo.)

Destapa a cara!

CALÍGULA

(Mesmo jogo.)

Limito-me a cumprir rigorosamente as ordens expressas na tua carta:

«P. S. — Faça favor de levar a cara tapada, de vergonha, seu urso!
Nem sequer uma letra desde que aqui estou!
Deixa-me chegar que eu te direi!

E aqui tem a mana macaca diante de si, o mano urso, cheio de vergonha...

(A atriz permanece indiferente.)

CALÍGULA

Não achas graça? Não ris?

(A atriz permanece fechada sobre si própria.)

CALÍGULA

E onde está essa bagagem toda, tão anunciada?

(Levanta-se sem nunca destapar a cara. Utilizando apenas uma das mãos, e continuando a tapar a cara com a outra, tira um papel do bolso, lendo-o por entre os dedos.)

«Tenho comprado vestidos engraçadinhos para o mano me não achar uma farrapeira, como o ano passado. Já comprei três. É uma fartura! Mas ainda vou comprar mais três. Que luxo asiático!! Inté o mano vai ficar banzado! E tenho rouge para as faces, bâton para os lábios, cabeleireiro, manicure, Fleurs de Amour para o cabelo, etc., etc...»

ACTRIZ

Destapa a cara, Calígula!

CALÍGULA

**Calígula?! Terei ouvido bem?
Foi imperador de Roma, não foi?**

ACTRIZ

Foi! Calígula persegue-me, anda atrás de mim, não me larga.

CALÍGULA

**A minha querida irmã está a exagerar...
Lá que passe a vida a aconselhar ao mano casamentos dentro das mais altas esferas da sociedade, ainda vá!**

«Eu estou morta por que te cases, e gostava que na aristocracia por ser a gente mais simpática que conheço.»

Já estou habituado.

Agora que pretenda ter no seu círculo de relações um imperador de Roma, que ainda por cima não a larga, já é delírio de grandeza a mais...

ACTRIZ

Destapa a cara, Calígula!

CALÍGULA

Destaparei a cara quando me tratares por Apeles

(Mudando de tom)

Vê lá, não te vás apaixonar por esse Calígula!
Segundo tenho ouvido dizer, era um monstro, esse Calígula!
Mataram-no aos 29 anos de idade...
Faltavam-lhe alguns meses para fazer trinta anos, a minha idade actual, completada há 2 meses e 19 dias.

ACTRIZ

(Levantando-se.)

Este maldito rigor... Tenho a certeza que és tu. Destapa a cara...

CALÍGULA

(Interrompendo-a.)

Apeles... Serei Apeles.

ACTRIZ

Destapa a cara... Apeles.

(Calígula destapa a cara, mostrando uma expressão sorridente e extremamente afável. A atriz participa no jogo. Abraçam-se com alegria, afastam-se e olham um para o outro, como se se observassem atentamente depois de uma longa separação.)

CALÍGULA-APELES

Estás com um ar tão cansado...
Não estás doente?...

ACTRIZ

Não! Agora estou bem... Não é nada.

(Pausa.)

Sinto-me aquém não sei de quê. Quero passar... Quero passar depressa...
Há concerteza um lugar no mundo...
Ou terei sido eu, aquela que se enganou, sempre?

«Pensa de mim o que quiseres, que eu estou disposta a aceitar tudo. Contanto que uns olhos me vejam sempre a melhor, a única entre todas as outras.»

Tu não és capaz de compreender isto?

«Como compreender a amargura desta amargura?»

Tu soubeste encontrar o teu próprio caminho, continuas ligado a todos nós pelo afecto, a mim, ao pai, à Henriqueta, mas ganhaste a tua liberdade, vives por ti próprio. Terás a tua paixoneta, o teu desgosto...

Eu sei dos teus desânimos, mas podes dizer aos outros que te não aceitem se quiserem, porque tu também não precisas deles. Escolheste a tua carreira... Procuraste o caminho que te tornasse menos pesado para todas nós...

Tudo quanto tens, foste tu que o ganhaste e é teu por direito. E podes vir a ser um herói...

Um herói dos nossos dias...

CALÍGULA-APELES

O que é isso de ser herói, mesmo nos nossos dias?...

ACTRIZ

Se soubesses com que entusiasmo eu escrevi à Henriqueta, há cinco anos, a contar-lhe o que estava a acontecer!

(...) «Estou ouvindo as salvas em Lisboa e parece que tudo rebenta dentro do meu coração.

Tenho chorado, eu que nunca choro.

É uma coisa extraordinária o que aqueles dois homens estão fazendo (...) Até eu ando maluca, e poucas coisas já me comovem nesta vida.

A Marinha de Guerra anda inchadíssima e com razão, caramba!

Venham depressa gritar com a gente:

Viva Gago Coutinho! Viva Sacadura Cabral!

Até breve, sim?»

CALÍGULA-APELES

Acompanhei-os, eu próprio participei na aventura, cá em baixo... Tudo isso foi decisivo para mim, e agora quero viver a mesma aventura lá em cima. Tu vais regressar a Matosinhos, ao teu Mado, ao teu doutor... E eu regresso à doca de Belém ao meu «Henriot 33», aos meus treinos para as alturas, onde ninguém me possa renegar... Irei sobrevoar o rio.

ACTRIZ

Tu não me podes fazer isso agora...

CALÍGULA

Como era?

Ah!

«A vida parada e recolhida, cria heróis nos imponderáveis fluidos da tarde.»

ACTRIZ

«Não, não e não!»

CALÍGULA

Exactamente as mesmas palavras que escreveste no teu diário no dia 15 de Novembro de 1930, a três semanas do fim. «Não, não e não!» Vamos esquecer o que querias dizer. São palavras tão usadas em situações dramáticas que dificilmente terão já qualquer significado concreto.

(Calígula começa a deslocar-se para a saída da cena, enquanto vai dizendo o monólogo baseado no conto O AVIADOR.)

«O Sol ascende mais ao alto, vai mais para além (...) sobre o bronze vibrante das mãos triunfantes (...) São brutais aquelas mãos, formidáveis de esforço, assombrosas de vontade (...) Contraíram-se em garras e, no alto, crispadas sobre a presa, são elas que algemam, são elas que escravizam, que subjagam as asas cativas! E, lá no alto, o homem está contente. Atira as asas mais ao alto (...) na sensação maravilhosa e embriagadora de um ser que se ultrapassa! Sente-se um deus! As mãos desenclavinham-se, desprendem-se-lhe da terra onde as tem presas um derradeiro fio de ouro... e cai na eternidade. Tanto azul!...

(Calígula sai de cena no momento em que termina o monólogo, numa sequência natural de movimento. A actriz fica só no meio da cena, ouvindo-se um diálogo de vozes amplificadas.)

VOZ 1

«Que foi!... Que aconteceu?»

VOZ 2

«É mais um filho dos homens?»

VOZ 3

«Não. Não vês que tem asas?»

VOZ 2

«É então um filho dos deuses?»

VOZ 3

«Não. Não vês que sorri?
(...) duas gotas de água, verdes, límpidas, translúcidas, serenas. Venham ver...»

VOZ 1

«Vamos pô-lo naquela urna de cristal que é como um túmulo aberto donde se avista o céu...»

VOZ 3

«Eu sei de um túmulo de areia onde a areia é de prata...»

VOZ 2

«Eu descobri a gruta...»

OUTRA VOZ

(Cortando.)

«Deixem-no... Talvez lhe doam as asas quebradas...»
Silêncio...

(Durante este diálogo a actriz vem sentar-se na sua mesa de camarim à direita permanecendo na personagem Florbela. Tira uma folha de papel tarjada de preto e começa a escrever uma carta.)

ACTRIZ

«Meu querido Pai

Recebi o segundo telegrama no qual insistes para eu ir, ou mande procuração; só depois de mandar o telegrama é que me lembrei que seria por não poderes liquidar coisa alguma do que deixou o nosso adorado Peles, por não estarmos perfilhados e por ser eu só a herdeira, segundo a lei; podiam antes ter escrito carta explicando, em vez desta troca de telegramas que não diziam nada.»

(O actor Calígula entra no palco vindo do exterior. Vem despreocupadamente em mangas de camisa, com um blusão pendurado nas costas. Olha a actriz, estranha o seu comportamento e imobiliza-se a observá-la sem que ela se aperceba da sua presença.)

ACTRIZ

(...) «Assim, está descansado que amanhã mando a procuração, pois tudo é teu que és o pai, o nosso querido pai de nós os dois, do pobrezinho que foi e de mim que ainda por cá ando (...)»

ACTOR-CALÍGULA

(Interrompendo-a pelo intempestivo da fala.)

Sempre a mesma merda dos bons sentimentos...

Eu mandava-lhe a procuração mas era isto... *(Faz um manguito.)*
(Imitando inicialmente.) «O querido pai de nós dois...» **que nunca se deu ao trabalho de lhes registar a perfilhação, em toda a vida deles.**

(O actor-Calígula aproxima-se mais da mesa da actriz e observa a carta.)

Mas tu, agora, estudas o papel a fazer ditado mental? E em papel de luto?

Apre que isto é que é realismo!...

ACTRIZ

(Fitando-o.)

Vai-te embora! Julguei que já te tinhas ido embora.

ACTOR-CALÍGULA

Pois julgaste mal...

Porque: primeiro acabo de chegar agora mesmo; segundo, são oito e meia e o ensaio começa às nove. Não te lembras?

ACTRIZ

Vai-te embora! Não ouves?

O que sabes tu dos bons sentimentos?!

ACTOR-CALÍGULA

Sei que há uma certa espécie de bons sentimentos que se não é propriamente o mal do mundo, é pelo menos o nevoeiro que o encobre.

E encoberto pelo nevoeiro desses bons sentimentos, o mal genuíno deste mundo nunca poderá ser destruído.

ACTRIZ

(Levantando-se.)

«E não haver gestos novos nem palavras novas!»

(Dirige-se para a saída da sala com movimentos rápidos, um pouco descontrolados. Junto à saída volta-se e diz:)

Não sei se serei capaz de ensaiar hoje!

(Sai.)

ACTOR-CALÍGULA

Eu só espero até às nove e meia, ouviste?

Este livro, de que se tiraram 600 exemplares,
foi composto e impresso na Minigráfica - Coope-
rativa de Artes Gráficas, CRL, durante o mês
de Julho de 1987.

Depósito Legal n.º 17063/87

